

**MANUSCRITOS AFRODESCENDENTES AUTÓGRAFOS
DA CHAPADA DIAMANTINA**

Elias de Souza Santos (UNEB)

elias40_d@hotmail.com

Pascásia Coelho da Costa Reis (UFBA/UNEB)

pascasia@ig.com.br

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade apresentar práticas de escrita de mulheres negras, descendentes de homens escravizados no final do século XIX na região de “Seabra” na Chapada Diamantina. Trata-se de documentos autógrafos de duas irmãs: Enervina Almeida e Senhorinha Rocha, cujos pais eram escravos libertos que vieram das Minas Gerais para trabalhar nas minas de diamante da Chapada Diamantina. Pretende-se ainda refazer os possíveis caminhos pelos quais essas mulheres foram inseridas numa cultura letrada, restrita a poucos e, em sua grande maioria, homens. Neste sentido, destaca-se a atuação da igreja, enquanto instituição, como responsável por disponibilizar para essas mulheres afrodescendentes possibilidades de acesso à escrita material.

Palavras-chave: Manuscrito. Afrodescendente. Autógrafo. Crítica textual. Ecdótica.

1. Considerações iniciais

No que diz respeito à época da escravidão, não há uma conformidade entre diversos autores acerca da amplitude da escolaridade do negro. São várias as informações que compreendem a exclusão dos escravos da escola, muitos achados são documentos que reforçavam essa proibição, conforme Romão e Carvalho (2003).

Partiremos dessa afirmação e tentaremos contar uma história sobre a educação de escravos no Brasil na perspectiva de entendermos como mulheres afrodescendentes no final do século XIX aprenderam a ler e escrever.

As duas irmãs nasceram na comunidade de Prata, no município de Seabra, na Chapada Diamantina, situada a 600 km de Salvador. Considerada o coração da Bahia, ela é centro financeiro e geográfico da Chapada Diamantina e se situa a 30 km do Parque Nacional da Chapada. Enervina Almeida e Senhorinha Rocha, segundo relatos familiares colhidos entre membros da 2^a a 4^a geração, mudaram-se de Prata juntamente com seus filhos para Campos de São João, município de Palmeiras também cidade da Chapada Diamantina, para praticarem agricultura de subsistência. Após se fixarem nesse espaço, casam suas filhas, e se mudam para Lençóis.

Enervina e Senhorinha, filhas de pais religiosos, mantêm sua religião como doutrina para o salvamento eterno, escrevendo de próprio punho as orações realizadas na instituição religiosa que frequentavam. Muito bem guardadas, essas orações hoje se fazem presentes na quarta geração da família, como herança espiritual.

Trabalha-se aqui com a hipótese de essas orações serem de autoria dessas duas mulheres, Enervina e Senhorinha, descendentes de escravos do século XIX.

Escravos libertos, os pais de Enervina e Senhorinha, vieram de Minas Gerais para trabalhar nas minas de diamantes da Chapada Diamantina. Seus pais sabiam ler e escrever, para darem conta da demanda de pedras preciosas que eram vendidas e da divisão dos lucros que lhes cabiam, bem como para se comunicarem com seus filhos, que exerciam outras funções nas lavouras de café e arroz da Chapada Diamantina. Um exemplo é uma carta escrita por Francisca Venância de Souza, filha de Senhorinha Rocha, para sua mãe.

A questão aqui posta, segundo as informações colhidas com suas filhas e seus netos é de que Enervina e Senhorinha não aprenderam a ler e escrever com seus pais, pois estes moravam em cidades distantes e não tinham contato diário. Isso nos levanta questionamentos sobre como essas mulheres aprenderam a ler e a escrever.

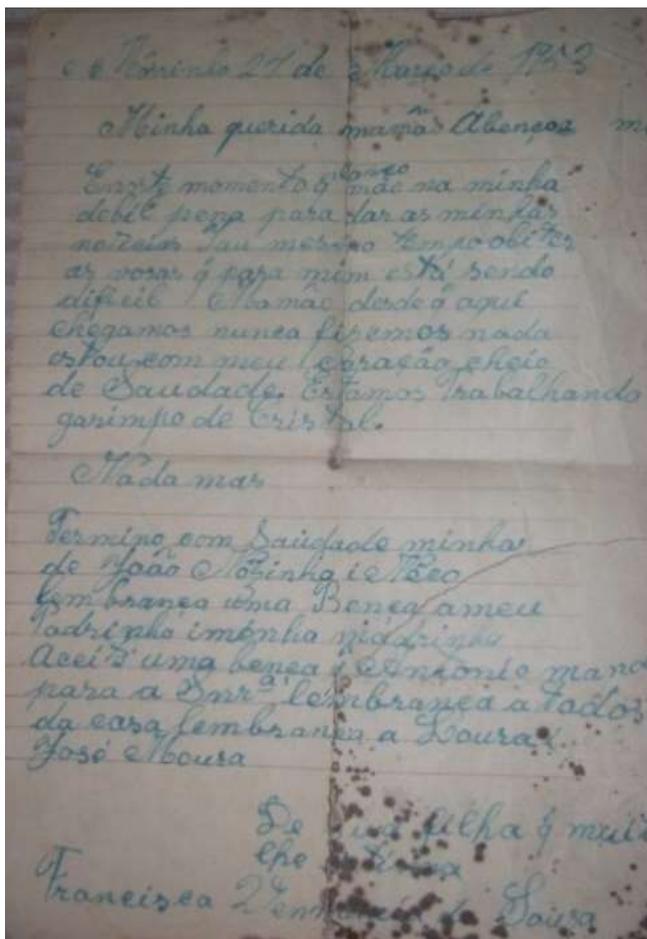
2. *Memórias*

As orações escritas por essas duas mulheres afrodescendentes que se apresentam neste trabalho são a grande pista para tentar descobrir como se deu o processo de letramento das autoras e de escrita dos documentos aqui em estudo.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Tânia Lobo e Klebson Oliveira em *África à Vista* (2009, p. 16) nos dizem que “para a reconstrução do caminho percorrido por escravos para se alfabetizarem, tem que ser levada em consideração a sua relação com as famílias dos senhores”.

Tarefa difícil é encontrar hoje documentos que comprovem este processo linear de estreitamentos das relações que os escravos tinham com a leitura e a escrita a não ser os escravos domésticos que demonstravam ou ocupavam espaços de trabalho dentro dos casarões familiares senhoriais.



Essa proposição nos leva, em primeira instância, de volta aos relatos familiares de como os pais das mulheres aqui apresentadas, como as responsáveis pelo pequeno conjunto de orações, aprenderam a ler e escrever. Seus pais eram escravos libertos que prestavam serviços remunerados para seus senhores nas lavras de diamante na Chapada Diamantina. Eles já saíram de Minas Gerais sabendo ler e escrever, aprenderam com seus senhores para a prestação de contas das pedras que eram retiradas e repassadas para seus patrões.

Essas duas mulheres que nos deixaram um pequeno legado de manuscritos autógrafos em que este trabalho se sustenta, Enervina Almeida e Senhorinha Rocha nos fazem pensar que naturalmente existem fortes indícios para buscarmos nesses textos e nos testemunhos orais passados de geração para geração um consenso de como essas mulheres negras adquiriram uma cultura escrita em uma época em que escravos libertos e afrodescendentes não podiam frequentar instituições formais de ensino, que também excluía até mesmo brancos deste processo. Kátia Mattoso (2001, p. 113), em suas palavras nos diz:

A educação escolar do escravo é totalmente proibida no Brasil e os próprios forros não têm o direito de frequentar aulas. Esta proibição será mantida durante toda a época da escravidão, mesmo durante a segunda metade do século XIX, em plena desagregação do sistema servil. Senhores e curas que resolvem ensinar a leitura e a escrita a escravos agridem as regras estabelecidas e são poucos. Eis porque o escravo brasileiro é desconhecido, sem arquivos escritos.

Segundo seus netos, Enervina Almeida e Senhorinha Rocha aprenderam a ler e escrever em uma instituição religiosa chamada Igreja de Santa Marta, santa de quem elas eram devotas. Situada em Wagner, cidade da Chapada Diamantina, essa instituição muito auxiliou na formação dessas mulheres, proporcionando-lhes cursos de corte e costura, produção de linhas e bordados, dando a essas mulheres possibilidades de se profissionalizarem e garantir o sustento familiar enquanto seus esposos trabalhavam nas lavras de diamante, passando meses longe de casa.

A igreja, enquanto instituição, oferecia a Enervina e Senhorinha o acesso à escrita, num momento em que o ensino para mulheres ainda não era institucionalizado nos pequenos municípios, realidade esta que advém desde o período colonial, como menciona Klebson (2009).

A partir de influências das confrarias e irmandades, as instituições religiosas, juntamente com os seus trabalhos de acolhimento, arrecadavam alimentos e roupas, e davam assistência a negros escravos e libertos.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Isto nos leva a fortes indícios de que esses trabalhos se espalham para as pequenas regiões, chegando até essas mulheres do final do século XIX, uma vez que faziam parte das realizações da igreja sendo inseridas nesse processo de alfabetização, bem como de profissionalização para realizarem outras tarefas que a própria igreja agenciava, como nos confirma Pinto (1987):

Em grande medida, o ensino para as populações negras agenciadas pela igreja implicava em educação para o trabalho, pois esta instrução profissionalizante, de acordo com as ideias da época, tiraria o negro do estado atrasado em que se encontrava na sociedade.

Em conformidade com as palavras de Pinto e segundo memórias familiares das mulheres presentes neste estudo, Senhorinha e Enervina foram profissionalizadas, aprendendo a arte do bordado e da costura, chegando a exportar seus trabalhos para Brasília e juntamente com estes, a prestação de contas era enviada a fim de possibilitar a contabilidade financeira, sendo Enervina e Senhorinha as próprias administradoras de seu caixa financeiro.

A arte advinda desse profissionalismo foi passada de mães para filhas e veio garantindo uma fonte de renda permanente para o sustento da família, contribuindo também para o incentivo da alfabetização das gerações futuras.

A partir dessas memórias, podemos com certeza ou hipoteticamente responder à questão central deste trabalho. Dona Enervina Almeida e Senhorinha Rocha aprenderam a ler e escrever nos espaços religiosos que davam assistência aos desvalidos, na perspectiva de garantir-lhes espaços de lazer, cultura e escrita, tirando-as da ignorância imposta pelas restrições sociais.

Aprenderam a ler e escrever para darem conta da demanda de encomendas solicitadas por diversos estados que compravam seus produtos pessoalmente confeccionados.

O pequeno acervo de orações que se faz presente na quarta geração dessa família, deixado como herança espiritual, representa um conjunto de 6 orações que, muito provavelmente, datam do final do século XIX. Orações escritas por mulheres descendentes de escravos libertos, profissionais em mineração que vieram das Minas Gerais para as minas de diamante e fazendas de café da Chapada Diamantina. Este pequeno acervo precioso revela indícios na direção de uma contribuição, para o conhecimento da variante brasileira do português, além de serem fontes

materiais preciosas para descobertas linguísticas e culturais da Chapada Diamantina, pois as praticas de escrita de um povo ou de uma comunidade manifestam a sua identidade, revelando aspectos de uma rica diversidade cultural ainda pouco conhecida e desconhecida.

+
Oração

A Nossa Senhora do Desterro.

Valia-me Santissima puzer a Custodia de nossa Senhora do Desterro Virgem antes do parto Virgem no parto Virgem de pais do parto, ficando ela sempre Virgem. Minha Mãe Santissima por estas palavras que comigo trago preso me tira de todos trabalhos perigos e brigas, folio lesimiao e entacas do Demônio e de todos espedados. Foi achado no sepulcro do Bom Jesus de Jerusalém quem trache consigo preso me tira de todos trabalhos perigo brigas e folios testemunhos e tenta ções do Demônio e de todos espedados. Amen.

^(P. de R. 1744)
Oração de Nossa Senhora. Esta oração foi achada no sepulcro do Bom Jesus de Jerusalém quem trache consigo será livre de todos espedados e invidias e a cidade russa estava em horror preso por certos crimes e consideram em uma roda de navalha. Adelle quem esta oração no peço de tanta e de altas invidias e depois que tiraram o Rei da dita cidade e em do tós grande anlagre mandou buscar em um cão abai lhe bastante entacas invidias fizo mandou deitar de uma ponte abais para ver se a fogaava invidias foga quem esta oração Comigo trache não morrera afogado será livre com espedados de Deus e de Nossa Senhora do Desterro na Caza que tiver e trache invidias não com mulher que se achas com perigo de parto buscando esta oração no peço foga sem perigo algum e se se for para mordidura de Aba e thom.

Portanto esta oração a
Dona, Senhorainha Roqha.

Esse pequeno e rico acervo oracional foi passado de geração a geração, entre os membros da família até chegar, como uma herança, às mãos de Elias de Souza Santos que o recebeu de sua avó, Judite Venância dos Santos, que, por sua vez, o recebeu de sua mãe, Senhorinha Rocha, e da irmã de sua mãe, Enervina Almeida.

3. *Considerações finais*

Dois objetivos foram propostos neste trabalho, apresentar as práticas de escrita de mulheres negras, descendentes de homens escravizados no final do século XIX e os possíveis caminhos pelos quais essas mulheres foram inseridas numa cultura letrada, sendo estes reforçados pelos manuscritos autógrafos e as memórias familiares passadas de geração a geração.

Em relação ao contexto de letramento, a igreja destacou-se, enquanto instituição que ofereceu a essas mulheres negras possibilidades de acesso à escrita. Essa pesquisa reforça a ideia de que manuscritos autógrafos apresentam-se como importantes instrumentos para a compreensão do português brasileiro, descobertas linguísticas, culturais e históricas.

Certamente Senhorinha Rocha e Enervina Almeida não foram às únicas mulheres negras, filhas de escravos, a se apropriarem dos prazeres da leitura e da escrita na região da Chapada Diamantina nos fins do século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOBO, Tânia; OLIVEIRA, Klebson. Escrita liberta: letramento de negros forros na Bahia do século XIX. In: CASTILHO, Ataliba de; MORAIS, Maria Aparecida T.; LOPES, Ruth E. Vasconcelos; CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes/ FAPESP, 2007, p. 437-460.

OLIVEIRA, Klebson. *Textos escritos por africanos e afrodescendentes na Bahia do século XIX: fontes do nosso “latim vulgar”?* 2003. – Dissertação (mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MATTOSO, Katia de Queirós. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PINTO, R. P. A educação do negro – uma revisão bibliográfica. *CADERNOS de Pesquisa*, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 62, ago.1987, p. 3-34.

ROMÃO, J; CARVALHO, A. A. de M. C. de. Negros e educação em Santa Catarina: retratos de exclusão, invisibilidade e resistência. In: DLLA BRIDA, N. (Org.). *Mosaico de escolas: modos de produção em Santa Catarina na Primeira Republica*. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.